

CAPÍTULO UM

Não Tentes Definir o Amor a Menos que Precises de Uma Aula de Futilidade

Passando pelos balcões das companhias aéreas em direção ao controlo de segurança, explico o amor e as suas diversas formas de fracasso a Lindsay, a minha assistente. Metida no enxame de viajantes — reformados de bermudas, gatos em transportadoras com furos para respirar, executivos apressados — dou por mim a meio de uma grande dissertação sobre o amor com uma dose generosa de racionalizações. Apaixonei-me por infiéis amorosos. Adorei os homens errados pelos motivos errados. Sou culpada. Suportei um coração rebelde e mais do que a minha conta de longos surtos de insensatez. Faltaram-me alguns princípios básicos no campo do controlo. Por exemplo: não tive qualquer controlo sobre o facto de me ter apaixonado por Artie Shoreman — um homem dezoito anos mais velho que eu. Não tive qualquer controlo sobre o facto de ainda estar apaixonada por ele mesmo depois de ter descoberto, inesperada e subitamente, que ele teve três casos durante o nosso casamento de quatro anos. Duas eram amantes que ele tivera antes de nos casarmos mas com quem manteve o contacto — o apego, na verdade, como presentes de despedida da vida de solteiro, memórias vivas. Artie não quis chamar-lhes *casos* porque foram impulsos de momento. Não foram *premeditados*. Empregou termos como *aventuras* e *leviandades*. Ao terceiro, chamou-lhe *accidental*.

E não tenho qualquer controlo sobre o facto de me irritar que Artie esteja tão doente — tão moribundo — no meio disto tudo e que o culpe pelo seu dramatismo. Não tenho qualquer controlo sobre a compulsão que sinto para voltar imediatamente para ele, livrando-me de uma preleção sobre complexas leis da SEC¹ — porque a minha mãe me disse num malfadado telefonema a meio da noite que a saúde dele está mal. Não tenho qualquer controlo sobre o facto de ainda estar furiosa com Artie por ser infiel quando seria de esperar que me sentisse, quiçá, mais mansa, pelo menos um bocadinho.

Conto a Lindsay que deixei Artie pouco depois de saber dos casos e que essa foi, há seis meses, a atitude mais acertada. Conto-lhe que os três casos me foram revelados em simultâneo — como num concurso horroroso.

Lindsay é baixinha. As mangas do casaco ficam-lhe sempre um pouco compridas de mais, como se vestisse as sobras de uma irmã mais velha ainda sem corpo para isso. Tem um cabelo louro e sedoso que ondula como se ela estivesse num anúncio a um champô e usa uns óculos pequeninos que lhe escorregam pela cana de um nariz tão perfeito e afilado que nem sei como ela respira por ele. É como se o nariz tivesse sido desenhado como uma peça decorativa sem atender à função. Ela já sabe esta história toda, claro. Vai assentindo, em total concordância. E eu prossigo.

Digo-lhe que não foi assim tão mau optar por viagem de serviço atrás de viagem de serviço, meses dedicada a um só cliente e depois a outro, todas as oportunidades convencionais — uma vida de arrendamentos temporários e quartos de hotel. Tudo isso para me permitir algum tempo e espaço para recompor os ânimos. O plano era que quando tornasse a ver Artie estivesse preparada mas não estou.

— O amor não recebe ordens nem pode ser governado por uma democracia por muito simpática que ela seja — afirmo a Lindsay. A minha definição de democracia consiste em granjear os votos das duas únicas pessoas em quem decidi confiar, a ansiosa da minha assistente, Lindsay, que neste momento caminha a meu lado pelo terminal do aeroporto JFK — e a impetuosa da minha mãe que me liga por tudo e por nada.

— O amor recusa-se a negociar — afirmo. — Não regateia conosco como o turco das carteiras Gucci falsas. — A minha mãe insiste

¹ *Securities and Exchange Commission*. Equivalente, em Portugal, à CMVM, Comissão do Mercado de Valores Mobiliários. (NT)

para que lhe compre uma Gucci falsa sempre que venho a Nova Iorque em trabalho; a minha bagagem de mão vem bem gorda com uma Gucci falsa lá metida.

— O amor não é lógico — friso. — Está imune à lógica. — No meu caso: o meu marido é infiel e mentiroso, portanto devo seguir com a minha vida ou resolvo perdoar-lhe, opção que, segundo sei, é a que algumas mulheres acabam por escolher em situações destas.

Lindsay responde: — Claro, Lucy. Com certeza!

Há qualquer coisa no seu tom seguro que me desconcerta. Costuma ser excessivamente positiva e por vezes o seu emprego bem pago deixa-me na dúvida. Tento prosseguir com a diatribe. — Mas tenho de arcar com os meus erros, incluindo os que me chegam naturalmente através da minha mãe. — A minha mãe — a Rainha do Fraco Conhecimento dos Homens. Vem-me à ideia uma breve imagem dela com um fato de treino de veludilho, a sorrir-me com um misto de orgulho esperançoso e compaixão. — Tenho de arcar com os meus erros porque foram eles que me fizeram como sou. E aprendi a gostar de ser como sou — exceto quando me atrapalho a pedir acompanhamentos complicados em restaurantes de *sushi*, um caso em que sou completamente arrogante, eu sei.

— Lá isso é verdade — concorda Lindsay um nadinha prontamente de mais.

Aí estaco no meio do aeroporto — o portátil projeta-se para a frente, as rodas da pequena mala travam bruscamente (só trouxe os artigos de primeira necessidade — Lindsay envia-me depois o resto das coisas). — Não estou preparada para o ver — digo.

«O Artie precisa de ti» disse-me a minha mãe durante o telefonema da noite passada. «Afim, ainda é teu marido. E parece muito mal abandonar um marido moribundo, Lucy.»

Foi a primeira vez que alguém disse que Artie ia morrer — em voz alta, com todas as letras. Até esse momento, a coisa era grave, sem dúvida, mas ele ainda é novo — tem só cinquenta anos. Descende de uma longa linhagem de homens que morreram novos mas isso não devia querer dizer nada — hoje em dia, com os avanços na medicina. «Está apenas a fazer um drama» respondi à minha mãe tentando voltar à conversa do costume, em que gozamos com as tentativas descaradas de Artie para me fazer voltar para ele.

«Mas e se não estiver apenas a fazer um drama?» redarguiu ela. «Precisas de vir. A tua ausência, agora, bom, é mau karma. Na próxima vida voltas como um escaravelho.»

«Desde quando falas em karmas?» perguntei-lhe.

«Agora namoro com um budista» respondeu a minha mãe. «Não te contei?»

Lindsay agarrou-me pelo cotovelo: — Estás bem?

— A minha mãe namora com um budista — respondo-lhe como se isso justificasse todos os problemas. Os meus olhos encheram-se de lágrimas. Os *placards* suspensos do teto ficam turvos. — Pega. — Passo-lhe a carteira. — Não consigo encontrar os documentos.

Ela leva-me para junto das cabinas telefónicas ao pé de um elevador e começa a vasculhar-me a bolsa. Neste momento não consigo lá meter a mão. Não consigo porque sei o que lá está — todos os cartõezinhos que retirei dos pequenos envelopes entalados em ganchinhos verdes que acompanhavam as entregas diárias de flores encomendadas por Artie, à distância. Descobria-me em qualquer hotel ou apartamento em que eu estivesse, onde quer que fosse no território continental dos Estados Unidos. (Como é que ele sabe onde eu estou? Quem é que lhe dá o meu itinerário — a minha mãe? Sempre suspeitei dela mas nunca lhe disse para acabar com isso. Secretamente, gosto que Artie saiba onde estou. Secretamente, preciso das flores, embora uma parte de mim mesma as odeie — e a ele.)

— Ainda bem que os guardaste todos — comenta Lindsay. Esteve nos meus quartos de hotel. Viu as flores acumularem-se até ficarem todas em diversas fases de murchidão. Dá-me a carta de condução.

— Antes não os tivesse guardado. Sei muito bem que é um sinal de fraqueza — digo-lhe.

Ela tira um para fora. — Sempre quis saber — confessa —, enfim, o que ele tem a dizer nestes cartões todos.

De repente, não me apetece meter-me na fila da segurança com um rebanho de estranhos. A fila é comprida mas ainda tenho muito tempo — demasiado. Na verdade, sei que vou ficar nervosa do outro lado, sentir-me eu própria um nadinha enjaulada — como um daqueles gatos dentro das transportadoras. Não quero ficar sozinha. — Força.

— De certeza? — E ergue as sobrancelhas finas.

Penso nisso por mais um bocado. Não quero ouvir os recados de amor de Artie. Uma parte de mim está ansiosa por lhe arrancar a carteira das mãos, dizer-lhe *desculpa, mudei de ideias* e meter-me na fila com o resto das pessoas. Mas outra parte quer que ela leia os cartões, que veja se são tão manipuladores como eu acho que são. Aliás, creio que neste momento preciso disso. De uma validaçãozinha fraterna. — Sim — respondo-lhe.

Ela pega no cartão e lê em voz alta «Número quarenta e sete: a maneira como pensas que todas as salas de jantar deviam ter um sofá para as pessoas que querem deitar-se para fazer a digestão mas continuando na mesma a participar numa conversa animada.» Olha para mim.

— Gosto de me deitar depois de comer — como os egípcios ou coisa assim. O sofá na sala de jantar faz sentido.

— Têm algum?

— O Artie ofereceu-me um no nosso primeiro aniversário de casamento. — Não quero pensar nisso agora mas está-me no pensamento — um sofá antigo e comprido, forrado de novo com um tecido de papoilas encarnadas sobre um fundo branco e armação de madeira escura a condizer com a mobília da sala de jantar. Fizemos amor em cima dele logo na primeira noite, as grandes almofadas a escorregar debaixo de nós para o chão, as velhas molas a ranger.

Ela tira outro cartão e lê «Número cinquenta e dois: Como as sardas no teu peito conseguem formar um desenho parecido com a constelação do Elvis.»

Uma equipa de assistentes de bordo passa por nós no que parece uma formação em «V» de gansos migradores. Algumas das antigas namoradas de Artie eram assistentes de bordo. Ele fez fortuna abrindo um restaurante italiano aos vinte e muitos anos (apesar de não ter sangue italiano) e lançando depois uma cadeia a nível nacional. Viajava muito. Assistentes de bordo era o que não faltava. Vejo-as passar com as suas meias de vidro, o matraquear das malas. Sinto um pequeno nó no estômago. — Por acaso, uma vez até fez isso, juntou as sardas com uma caneta e formou o desenho. Temos as fotos. — Fico à espera que a indignação de Lindsay se manifeste mas não parece ser o caso. Aliás, reparo que até está a sorrir um bocadinho.

Tira um terceiro cartão. «Número cinquenta e cinco: a maneira como pensas que se perdoares ao teu pai — de uma vez por todas — talvez ele desapareça realmente, muito embora tenha morrido há anos.»

Lindsay olha-me de novo com ar espantado.

— O Artie é um ótimo ouvinte. Lembra-se de tudo. Que queres que te diga? Isso não significa que deva perdoar-lhe a traição e voltar para ele. — Eis um dos motivos por que odeio Artie. É muito seguro de si mesmo, da sua pessoa, mas quando lhe perguntei porque me traiu saiu-se com uma resposta gasta e esfarrapada. Está sempre a apaixonar-se. Achou que conseguiria deixar-se disso quando nos casá-

mos mas não consegui. Confessou que estava sempre a apaixonar-se por mulheres, constantemente, que adora tudo nas mulheres — a forma como se bamboleiam a andar, os pescoços lindos — até adora as imperfeições delas. E deixava-se envolver. Faziam-lhe confidências, as mulheres. Era como se de repente uma mulher lhe contasse tudo e no momento seguinte já estivesse a desabotoar a blusa. Disse-me que se detestava a si mesmo — claro — e que não queria magoar-me. Por outro lado, amava as mulheres com quem tivera casos — todas de maneira diferente e por motivos diferentes. Mas não queria passar a vida com elas. Queria passar a vida comigo. Odeio o Artie por me ter traído, sim, mas talvez o odeie mais por me vir com um lugar-comum tão ridículo.

Fiquei demasiado destroçada para reagir, demasiado furiosa para fazer outra coisa que não me ir embora.

— Achas que ele vai ficar bom? — pergunta Lindsay referindo-se à saúde dele.

— Eu sei — digo-lhe. — Eu sei. Uma pessoa boa voltava para casa e perdoava-lhe por ele estar tão doente. Uma pessoa boa se calhar tinha ficado quietinha e tentava resolver tudo, pessoalmente, de uma maneira ou outra, e não desatava a viajar pelo país como eu fiz. Eu sei. — Estou a ficar comovida. Pressiono os olhos para conter as lágrimas. Limpo um bocado de rímel esborratado. Para que me maquillei sequer? Dou-me conta de que estou vestida de maneira completamente errada. Uso um fato profissional — calças castanhas, sapatos caros, *blazer*. Onde estava com a cabeça? Lembro-me de me ter vestido enquanto fazia a mala à pressa. Estava em piloto automático — aos encontros no quarto de hotel no meio das flores moribundas. Sou auditora — sócia numa firma, aliás — e tenho todo o aspeto disso — mesmo agora quando não devia. Acreditem, sei que é irónico saber-me capaz de perceber quando alguém me engana e ter andado tanto tempo cega para a infidelidade de Artie. — É suposto eu detetar muito bem as fraudes. É essa a minha profissão, Lindsay. Como é que não consegui ver?

— Bom, ele não geriu lá muito bem o risco de deteção. — Lindsay sorri, tentando animar-me. Assistiu recentemente a uma palestra sobre o risco de deteção e neste momento está orgulhosa de si mesma. — Vais resolver isso, Lucy. Resolves tudo. É a tua especialidade!

— No trabalho — replico. — Mas a minha história pessoal não o confirma propriamente. São dois mundos diferentes.

Lindsay olha em volta como se estivesse um bocadinho confusa — mostrando a confusão no semblante, *publicitando-a* como se ouvisse pela primeira vez que existem mesmo dois mundos diferentes — um momento de indecisão. Tenho andado a treiná-la para uma maior autonomia. Vai substituir-me enquanto eu estiver de licença e terá de aperfeiçoar a firmeza para se aguentar. Falei com ela para tentar não demonstrar tão prontamente as suas emoções. Dava-lhe agora uma pequena aula sobre isso — mas presentemente não sou um modelo de disciplina emocional.

— Achas que devo perdoar-lhe, não achas? Achas que devo voltar para casa e que devíamos tentar entender-nos, não achas?

Ela não sabe o que dizer. Olha para um lado e para o outro e depois rende-se e acena com a cabeça.

— Porque ele merece ou porque está doente?

Ela hesita. — Não sei se é ou não o motivo certo mas, bom, porque nunca tive um namorado capaz de enunciar mais do que três, ou talvez quatro, razões para me amar. Não que eu tivesse pedido uma lista, ou coisa assim, mas percebes o que eu quero dizer. Porque o Artie ama-te assim tanto.

O Artie ama-me assim tanto — neste instante parece verdade, como se ela o tivesse despojado de todos os gestos que eu encarei como manipulações e agora os visse meramente como uma manifestação do seu amor — por mim. Fico admirada com essa forma de ver a coisa — a singeleza de tudo isso. Não sei como responder. — Tenho a certeza que vais sair-te bem na minha ausência — digo-lhe. — Sei que és capaz.

Ela fica um bocadinho atrapalhada. Cora — lá está, outra coisa que ela não devia fazer mas, neste caso, agrada-me ver isso. Faz uma pequena vénia. — Obrigada pelo voto de confiança. — Entrega-me a carteira e olha para as minhas malas. — Tens tudo?

— Não te preocupes.

— Então está bem. — Dá meia-volta e mete-se no meio da multidão. Toda profissional agora, queixo erguido, balouçando os braços com determinação. Fico orgulhosa dela.

E é então que o elevador solta um ruidoso *ding!* e penso no cartão número 57 de Artie — o que chegou esta manhã e que desde então me anda a intrigar: *A maneira como adoras o som da campainha de um elevador, e uma vez disseste que era como uma pequena nota de esperança, a ideia de que as coisas estão destinadas a mudar, que finalmente conseguimos chegar a qualquer lado e começar de novo.*

O único problema é que eu não gosto de elevadores. Sempre achei que eram pequenos caixões móveis — quando muito, a campainha parece-me mais um toque de finados horrroso. Sempre me fizeram sentir claustrofóbica, e mais, não me agradam particularmente as mudanças — como, por exemplo, descobrir que o nosso marido nos anda a enganar — e apesar de todas as viagens recentes, nunca tive realmente a sensação de que estava por fim a chegar a outro sítio qualquer e a começar de novo. *Uma pequena nota de esperança?* Eu nunca disse nada dessas coisas. O número 57 não é meu. Pertence a outra mulher, da mesma forma que a minha vida neste momento — a minha vida profissional, a minha vida pessoal — parece pertencer a outra mulher.

Uma velhota numa cadeira de rodas sai do elevador empurrada por um homem novo — talvez o filho. Seguem o seu caminho e as portas de aço inoxidável fecham-se. Vejo um ténue e vago reflexo de mim mesma e sinto-me como se fosse essa outra mulher. Por mais mal empregada que pareça, esta é a minha vida.